



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**CIRLEIDE RODRIGUES PINHEIRO**

**HARMONIAS EMBRIAGANTES:  
A INTERPRETAÇÃO DE ELIS REGINA COMO MANIFESTAÇÃO AO REGIME  
MILITAR**

**MIRACEMA DO TOCANTINS, TO**

**2023**

**Cirleide Rodrigues Pinheiro**

**Harmonias Embriagantes**

**A interpretação de Elis Regina como manifestação ao Regime Militar**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Miracema para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemeri Birck

Miracema do Tocantins, TO

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- C578h    Rodrigues Pinheiro, Cirleide.  
          Harmonias Embriagantes: A interpretação de Elis Regina como  
          manifestação ao Regime Militar . / Cirleide Rodrigues Pinheiro. – Miracema,  
          TO, 2023.  
          27 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
          Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2023.  
          Orientador: Rosemeri Birck
1. Contextualização da Ditadura Militar. 2. O cerceamento dos direitos de  
          liberdade de expressão. 3. A interpretação de Elis Regina de músicas que  
          deram voz ao povo. 4. Análise de duas músicas interpretadas pela cantora. I.  
          Título

**CDD 370**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.  
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184  
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da  
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

CIRLEIDE RODRIGUES PINHEIRO

HARMONIAS EMBRIAGANTES:  
A INTERPRETAÇÃO DE ELIS REGINA COMO MANIFESTAÇÃO AO REGIME  
MILITAR

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema, Curso de Pedagogia, foi avaliado para a obtenção do título de Pedagogo e aprovado em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 14/06/2023.

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Rosemeri Birck, Orientador – UFT.

---

Profa. Dra. Maria Irenilce Rodrigues Barros, Examinadora – UFT.

---

Prof. Msc. Suzana Brunet Camacho, Examinadora - UFT

Ao meu querido pai, cuja presença física não pôde me acompanhar até aqui, dedico este trabalho com todo o meu amor. Seu legado vive em mim, e honrarei seu sonho.  
Com amor e gratidão eternos.

## AGRADECIMENTOS

Quero aqui expressar meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram para a realização deste trabalho. Em primeiro lugar, sou grata a Deus por me dar forças e sabedoria ao longo da minha jornada acadêmica, por me dar perseverança para enfrentar os desafios, e clareza de pensamento para formular minhas ideias. Sua presença em minha vida me sustentou e me motivou.

Agradeço sinceramente a minha orientadora Rosemeri Birck pela sua atenção e sua paciência, pelo seu apoio contínuo, seus ensinamentos e sua orientação, ao longo deste processo. Suas sugestões e críticas, seu compromisso em me auxiliar na pesquisa e na escrita deste TCC foram muito importantes para o aperfeiçoamento deste trabalho. Agradeço à banca examinadora, às professoras Maria Irenilce e Suzana, por dedicar seu tempo e conhecimento na avaliação do meu trabalho. Suas contribuições valiosas foram fundamentais para o aprimoramento deste artigo. Agradeço também pela oportunidade de apresentar e discutir minhas ideias diante de pessoas tão qualificadas.

Também gostaria de deixar registrado meus agradecimentos à minha mãe e minha irmã, pois elas sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos durante a elaboração deste trabalho. Seu amor, encorajamento e apoio emocional foram muito importantes para que eu pudesse continuar até o final. Elas têm sido minha inspiração e meu porto seguro, e fizeram toda a diferença durante esse processo. Minha sincera gratidão por acreditarem em mim. Sou grata ao meu namorado pelo seu amor, incentivo e compreensão durante esse processo, suas palavras de encorajamento, apoio emocional e até mesmo conselhos também foram muito importantes para me manter motivada. Agradeço a essas três pessoas por me incentivar a alcançar meus objetivos.

Agradeço aos professores do curso de Pedagogia do campus de Miracema da UFT, que fizeram parte da minha vida acadêmica, pelo conhecimento construído e pela disponibilidade em esclarecer minhas dúvidas. Por fim, sou grata aos autores e pesquisadores cujas obras foram imprescindíveis para embasar teoricamente este trabalho. Seus estudos e contribuições acadêmicas foram essenciais para o despertar da construção do meu conhecimento.

## RESUMO

Este artigo analisa a importância da música de Elis Regina como forma de expressão em termos políticos no contexto da ditadura militar no Brasil. Busca também, especificamente, refletir sobre o contexto da ditadura militar no processo de cerceamento dos direitos de liberdade de expressão; entender a importância e a influência da música de Elis Regina na sociedade; identificar como a cantora se expressava, politicamente, através da música e, por fim, analisar as músicas. Para desenvolver a pesquisa, utilizou-se da revisão bibliográfica, a partir de teses, dissertações e artigos que tratam do tema. No que diz respeito à análise, a pesquisa adotou a perspectiva qualitativa. Ao estudar o contexto dessa época, buscou-se explorar a resistência artística à censura e à opressão, destacando o papel de Elis Regina como uma voz engajada, que usa sua música como uma crítica ao sistema vigente, do qual a sociedade era vítima e abordar temas políticos e sociais relevantes. Através das músicas “Como nossos pais” de Belchior e o “O bêbado e a equilibrista” de João Bosco e Aldir Blanc, a cantora deu voz ao povo, trouxe conscientização e mobilização e representou a luta pela liberdade e justiça social. As músicas interpretadas por Elis, durante a ditadura militar, mostram seu poder político e cultural e denuncia as injustiças por meio da expressão artística, tornando seu estudo imprescindível para entender e refletir sobre esse período histórico e suas repercussões na sociedade brasileira.

**Palavras-chaves:** Censura. Ditadura. Elis Regina. Música.

## ABSTRACT

This article analyzes the importance of Elis Regina's music as a form of political expression in the context of the military dictatorship in Brazil. It specifically aims to reflect on the context of the military dictatorship and its impact on the restriction of freedom of expression, understand the significance and influence of Elis Regina's music in society, identify how the singer politically expressed herself through her music, and finally analyze the songs themselves. The research utilized a literature review approach, drawing from theses, dissertations, and articles on the subject. Regarding the analysis, a qualitative perspective was adopted. By studying the context of that period, the research sought to explore artistic resistance to censorship and oppression, highlighting Elis Regina's role as an engaged voice who uses her music to critique the prevailing system, of which society was a victim, and address relevant political and social issues. Through songs like "Como nossos pais" by Belchior and "O bêbado e a equilibrista" by João Bosco and Aldir Blanc, the singer gave voice to the people, fostered awareness and mobilization, and represented the struggle for freedom and social justice. The songs performed by Elis during the military dictatorship demonstrate her political and cultural power, denouncing injustices through artistic expression, making their study essential for understanding and reflecting on this historical period and its repercussions in Brazilian society.

**Key-words:** Censorship. Dictatorship. Elis Regina. Music.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>A VOZ DA RESISTÊNCIA NA DITADURA MILITAR.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1</b>	<b>Análise das músicas interpretadas por Elis Regina: A realidade do Brasil em canções.....</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>26</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A escolha de um tema de pesquisa é uma tarefa nada simples e, quando estamos a encontrar o curso de graduação, torna-se ainda mais desafiadora. A motivação para a escolha deste tema vem da minha paixão pela música, enraizada desde a minha infância. A música sempre foi muito importante na minha vida, uma fonte de prazer, inspiração e conexão com os outros e com a vida. Desde muito cedo, desenvolvi amor por ouvir e cantar, reconhecendo o poder transformador da música e a sua capacidade de transcender barreiras.

Inicialmente, pretendia explorar a música de forma abrangente, considerando seus aspectos políticos, culturais e sociais, para compreender melhor como ela molda e reflete a nossa sociedade, no entanto, esse é um tema muito amplo que precisava ser mais específico. Assistir ao filme “Elis” (2016), uma obra biográfica sobre a cantora, representou uma oportunidade ímpar de tomar a vida e as canções interpretadas pela artista, como objeto de estudo e de pesquisa.

A leitura de diferentes materiais publicados sobre a vida da artista, sua produção musical e o contexto histórico que ela vivenciou, foi o que possibilitou a aproximação, à compreensão e análise do tema de estudo. Para compreender o contexto histórico em que viveu a artista, a importância da representatividade da música para a cultura de um país, num momento tão conflituoso, como foi o período da ditadura militar de 1964 a 1985, é necessário, em especial, na atualidade, quando nos deparamos com situações de conflito no campo da política, percebemos que a defesa para a manutenção da democracia é uma luta diária.

A Ditadura Militar representou um período de censura, uma vez que não havia democracia, nem liberdade de expressão, e os movimentos contrários ao regime não tinham voz. Nesse contexto, a música foi muito importante, atuando como voz nos movimentos e protestos contrários ao autoritarismo. Vários artistas se expressaram através da música, posicionando-se, politicamente, contra o Regime Militar, entre eles, Elis Regina, ao interpretar músicas com letras fortes que contam a história daquela época e que demonstravam insatisfação com a condição política.

Dessa forma, pode-se perceber a importância de compreender o quão significativo e marcante foram as músicas interpretadas por Elis Regina e também o significado que essas músicas ainda trazem. Elis foi uma artista que interpretava as músicas de forma intensa, trazendo todo sentimento que as letras pediam através da sua voz, da sua *performance* e do seu olhar.

Música é cultura, forma de expressão e voz. Nas músicas interpretadas por Elis Regina, claramente havia um discurso político e um posicionamento acerca dos acontecimentos daquela época. Sendo assim, esse trabalho buscou responder como foi construído esse discurso político ao longo da carreira da cantora.

Em épocas em que a democracia e a liberdade de expressão estão comprometidas, a música pode ser um canal de comunicação e forma de expressão para mostrar a insatisfação com a realidade vivida. Artistas como Elis Regina conseguiram manifestar esse sentimento de insatisfação por meio da música, usando-a como instrumento de protesto e de oposição. Nesse sentido, este estudo buscou responder a seguinte pergunta: Como Elis Regina construiu um discurso político através das músicas e de suas apresentações no contexto da ditadura militar?

Para compreender a temática e buscar respostas a este questionamento, fez-se uso, principalmente, dos seguintes referenciais teóricos: Davi Cuellar (2019); Regina Echeverria (1985); Rafaela Lunardi (2011); e Mateus Pacheco (2009).

A pesquisa teve como objetivo principal compreender a importância da música de Elis Regina como forma de expressão em termos políticos no contexto da ditadura militar. E, os objetivos específicos, a saber: a) refletir sobre o contexto da ditadura militar no processo de cerceamento dos direitos de liberdade de expressão; b) identificar como a cantora se expressava politicamente através da música e por fim, c) analisar as músicas: “Como nossos pais”, composta por Belchior e “O bêbado e o equilibrista”, escrita por João Bosco e Aldir Blanc e 9ntende-las frente à realidade do país.

Ao representar um modo e um lugar de produção de discursos de uma época, a música se destaca como sendo um tipo de fonte de estudos que nos permite conhecer, pensar, perceber e sentir uma determinada realidade. No entanto, acredita-se que estudar a música no contexto da ditadura militar seja imprescindível, e ainda mais, estudar uma das mais influentes cantoras desse período e a importância de suas músicas nesse contexto.

A música é uma das linguagens da arte e está presente no cotidiano das pessoas como forma de relaxamento, apreciação, admiração, distração, entre outros. No entanto, a música também tem poder político e cultural e é de suma importância que, na condição de estudiosa da educação, se compreenda a relação da música com a sociedade, a política e a cultura.

Na proposta metodológica de trabalho, a pesquisa foi desenvolvida com caráter de revisão bibliográfica, a partir de teses, dissertações e artigos que tratam do tema. A pesquisa caminhou no sentido da análise na perspectiva qualitativa. Em relação à análise das músicas, vale lembrar que estas devem ser entendidas para além de um texto. As canções estão imbuídas de um significado político, pois foram criadas no contexto da ditadura e serviram, em especial,

como instrumento de contestação e de protesto frente aos abusos do governo antidemocrático. Para tanto, fez-se uso das orientações do materialismo histórico crítico-dialético o qual nos possibilita que busquemos a compreensão do objeto da pesquisa para além de sua aparência.

A música, “Como nossos pais”, de Belchior, composta e gravada em 1976, foi selecionada por ser uma das mais famosas músicas da cantora e por manter uma relação direta e significativa com a atualidade em sua letra. Já a música, “O bêbado e a equilibrista”, de João Bosco e Aldir Blanc, de 1979, foi escolhida por sua letra possuir um grande sentido político e tratar do momento específico da anistia e da abertura para a redemocratização.

## 2 A VOZ DA RESISTÊNCIA NA DITADURA MILITAR

Para compreender a importância da música interpretada por Elis Regina como forma de expressão em termos políticos no contexto da ditadura militar, é importante refletir sobre o contexto da ditadura militar no processo de cerceamento dos direitos de liberdade de expressão. Como se sabe, A música popular brasileira teve muita importância na construção da identidade cultural do Brasil.

A partir de 1964, quando no período do Regime Militar, o autoritarismo se fazia presente e a música popular revelou-se como sinônimo de oposição àquele sistema, a música se consistia num dispositivo de expressão e protesto. “A MPB e seus artistas estiveram conectados de uma maneira ou de outra a esse conjunto de eventos de protesto, presentes em shows, comícios, TVs, rádios e em caminhões de som, embalando uma série de manifestações públicas contrárias ao Regime” (LUNARDI, 2016, p. 18).

Em conformidade com isso, Araujo, Silva, Santos (2013) comentam a respeito dos primeiros anos após o Golpe Militar:

Nos primeiros anos após o golpe, estudantes, artistas e intelectuais se manifestaram contra a ditadura. Uma forte repressão se abatera sobre as lideranças sindicais e políticas ligadas principalmente aos partidos trabalhista e comunista que haviam liderado as lutas políticas no pré-64. Com isso a ação política de estudantes e artistas ganhou maior destaque (ARAUJO; SILVA; SANTOS, 2013, p. 19).

Os autores referem-se ao início da ditadura militar, no Brasil, tempos de repressão militar intensa contra lideranças sindicais e políticas ligadas aos partidos trabalhista e comunistas, os quais lideraram as lutas políticas antes do golpe. Assim, estudantes, artistas e intelectuais se manifestaram contra a ditadura. Por causa da perseguição aos líderes políticos, a ação política de estudantes e artistas ganhou maior destaque.

A produção de arte começou a se manifestar como forma de resistência cultural e intelectual, e ainda com protestos e ações diretas. Essas ações tiveram grande importância na luta contra a ditadura, na defesa dos direitos humanos e da democracia no Brasil. Os artistas que queriam expressar suas críticas ao regime militar precisavam usar a criatividade para “mascará-las” através de metáforas, jogo de palavras e mensagens subliminares.

De acordo com Araujo, Silva, Santos (2013), em 1968, o governo militar decretou o Ato Institucional n. 5 (AI 5) que negava aos cidadãos os direitos previstos pela Constituição. “O AI-5 significou, para muitos, um ‘golpe dentro do golpe’, um endurecimento do regime que estabeleceu leis especiais para o exercício do poder fora dos marcos do Estado de direito”

(ARAÚJO; SILVA; SANTOS 2013, p.20). Dessa forma, pode-se dizer que o AI-5 foi uma medida extrema tomada pelo regime militar, e representou o aumento da repressão política e da limitação das liberdades civis no Brasil.

Nesse período, jornais, programas de televisão, rádio, revistas e, principalmente, as músicas precisavam passar pelo crivo da avaliação dos militares, para que pudessem aprovar ou não. Dessa forma, muitas notícias e músicas consideradas subversivas eram, por eles, censuradas. Neste cenário, as pessoas não tinham o direito de liberdade de expressão e não podiam demonstrar a sua insatisfação com a situação imposta. A mídia e os artistas brasileiros passaram a ser vigiados e perseguidos. “A ditadura havia silenciado o movimento sindical, os partidos e movimentos de oposição, estudantes, intelectuais e artistas” (ARAÚJO; SILVA; SANTOS, 2013, p. 20).

Nesse sentido, Lunardi (2016) relata que, entre os anos de 1977 e 1978, as manifestações contra o regime se intensificaram, ao reivindicarem liberdades democráticas. No ano seguinte, os artistas ampliaram o envolvimento na política e a Música Popular Brasileira<sup>1</sup> (MPB) foram ainda mais marcantes para esse período. Além disso, as músicas “contribuíam para reiterar e ressignificar valores antiautoritários” (LUNARDI, 2016, p. 20). O autor em pauta afirma que a MPB como poesia e política, sempre esteve envolvida nas questões políticas da época e, dessa forma, fortalecia os movimentos sociais da década de 1970 e 1980, sempre com um sentido oposicionista e de protesto.

Entre tantos artistas que fizeram da música uma forma de expressão em um período em que essa liberdade estava comprometida, destaca-se Elis Regina. Segundo Cuellar (2019), a cantora expressava, através das suas interpretações, fugacidade e indignação com a realidade do Brasil na época da ditadura.

Elis não era mais do que um fogo ardendo dentro e fora do palco. Ao vê-la cantando, não nos queimávamos. Ao chegar perto, era preciso amá-la e compreendê-la. Seu furacão incomodava e instigava as pessoas. Seu pingue-pongue de ódio e paixão enlouquecia quem buscava alguma coerência (ECHEVERRIA, 1985, p. 115).

De acordo com Pacheco (2009), a música significou um instrumento de luta da cantora para pensar a realidade e, ao mesmo tempo, representou a possibilidade de contar a história do

---

<sup>1</sup> “A música popular brasileira começou no Período Colonial brasileiro e surgiu com a mistura de vários estilos musicais [...]. O contexto da época era a Ditadura Militar, responsável por cassar os direitos da população e restringir a liberdade, causando censura aos movimentos culturais [...]. A partir dessa fase que a sigla MPB foi popularizada e marcada como um movimento de contestação social e política.” Para saber mais, acesse: <http://www.uemfm.uem.br/index.php/1359-mpb-e-bossa-nova-entenda-a-relacao-e-porque-diferencia-los>. Acesso em: 16 abr. 2023.

Brasil dessa época. O autor afirma ainda que, a partir da forma como ela interpretava, dando formato visual e auditivo a cada palavra pronunciada, podia se pensar a respeito do país e também dos artistas com relação à situação daquela época. A sua música era um instrumento de crítica social.

A ênfase nessas variadas linguagens, vale a pena repetir, tinha como um de seus incentivadores o objetivo de se pensar sobre a realidade brasileira daquele momento e procurar traduzir as sensações presentes naquele cenário. Medos, angústias, alegrias, amor, irreverência ganham o palco numa espécie de estratégia em que essas sensações são postas no campo da encenação, da ficção, forma de lidar melhor com elas (PACHECO, 2009, p. 15).

Elis possuía uma personalidade arrebatadora e intensa, podendo ser comparada com um fogo que queimava dentro e fora do palco, uma artista que demonstrava paixão e emoção em suas apresentações, ao conhecê-la, era necessário amá-la e compreendê-la. Ser intensa e impulsiva fazia parte do seu modo de viver e, por causa disso, podia incomodar algumas pessoas. Sua personalidade se mostrava como um furacão de sentimentos. Contudo, Elis Regina era admirada e respeitada por sua arte e seu talento. Possuía uma voz poderosa e uma interpretação única, sendo assim uma das mais importantes cantoras da música brasileira, deixando um legado inspirador até hoje. (ECHEVERRIA, 1985).

Segundo a autora em pauta, Elis Regina Carvalho Costa nasceu no dia 17 de março de 1945, na cidade de Porto Alegre e morreu precocemente em 19 de janeiro de 1982, no Rio de Janeiro, aos 36 anos. Foi dona de uma das vozes mais icônicas da música brasileira, possuía uma personalidade forte e carismática e, além de cantora, também foi uma grande intérprete e produtora musical. Cresceu num ambiente em que sempre teve influência musical, com talento para cantar. Começou a se apresentar ainda criança em programas de rádio e logo se tornou uma atração popular.

Acompanhada de seu pai, “Em março de 1964, depois de completar dezoito anos, Elis e seu Romeu embarcaram definitivamente para o Rio de Janeiro. Foram tentar a sorte” (ECHEVERRIA, 1985, p. 21). Em busca de oportunidades na música, lá conseguiu um contrato com a gravadora Philips.

De acordo com a autora citada, “Em abril de 65, Elis virou capa de revista. Subiu ao palco do teatro Astória, no Rio, para receber o prêmio de melhor intérprete do I Festival de Música Popular Brasileira, defendendo a música também vencedora” (ECHEVERRIA, 1985, p. 57). Esse foi um momento significativo na carreira de Elis. Ser capa de revista simbolizava a celebração, o reconhecimento e o puro prazer. “Pimentinha” foi um apelido dado por Vinicius de Moraes, pois ele não resistiu à vibração e intensidade da cantora.

No começo do sucesso, Elis dizia que não misturava a ‘pessoa’ com a ‘cantora’. Ao descobrir que era impossível não misturar as duas, parou de afirmar isso. E a ex-pacata garotinha de Porto Alegre virou Pimentinha no Rio de Janeiro e dona do seu nariz. Ao mesmo tempo em que pregava a independência, mergulhava em sofridos momentos de angústia, em profunda solidão. Artistas caminham na multidão à procura de seus pares. Há muito pouco para compartilhar da intimidade com as pessoas comuns. Há muito para se compartilhar em público. (ECHEVERRIA, 1985, p.129)

Elis teve uma transformação tanto na sua carreira quanto na sua vida pessoal, de garotinha tranquila de Porto Alegre, ganha o apelido de "Pimentinha" no Rio de Janeiro e tornando-se dona de sua própria identidade.

Segundo Lunardi (2011), a cantora tinha, em sua carreira, uma crítica especializada em suas apresentações, mesmo não sendo compositora. Isso pode ser visto em suas performances que traziam um significado político e social.

Elis tinha um envolvimento político e uma voz ativa que podia representar a juventude brasileira. Conforme Echeverria (1985), durante uma manifestação estudantil, surgiu a proposta para um *show*, o espetáculo intitulado, “Transversal do Tempo”, que questionava a política, o meio ambiente, o contexto cultural brasileiro e a realidade social. Segundo Pacheco (2009), a partir deste espetáculo, produziu-se um disco que foi gravado ao vivo durante sua temporada carioca. O disco foi composto por dez canções que fizeram parte do espetáculo.

Conforme Pacheco (2009), através deste espetáculo, “Elis Regina mostrava que era preciso manter a inquietude como forma de resistir às amarras que impediriam a criatividade artística” (PACHECO, 2009, p. 67), e “Transversal do Tempo” traria questionamentos extremamente necessários.

Nas palavras de Elis Regina visualizamos um grupo que debatia as questões que envolviam o cotidiano brasileiro daquele momento e, a partir deste exercício, concebia espetáculos que ampliavam estas discussões ao colocá-las em contato com o público. Esta ideia de um espetáculo comprometido com a reflexão ou mesmo compreensão do cotidiano brasileiro daquele momento está presente no discurso da cantora em diferentes matérias e entrevistas de divulgação do Transversal do Tempo (PACHECO, 2009, p. 69).

Este evento foi organizado considerando o sentimento de indignação pelo estado em que estavam as coisas e “Elis era muito articulada, sabia propor e defender ideias” (ECHEVERRIA, 1985, p. 188) e, por isso, queria que sua arte tivesse ligação com a realidade em que vivia.

Como uma figura muito influente entre os jovens, a cantora buscava relacionar sua arte com a realidade da época, e o espetáculo, “Transversal do Tempo” era exatamente o que ela

buscava, ou seja, uma arte envolvida com as questões sociais e políticas do Brasil daquele momento.

No entanto, segundo Echeverria (1985), Elis também cometeu alguns deslizes que lhe trouxeram consequências:

Em 1972, durante a semana da Pátria, Elis foi convidada – ou convocada – a cantar nas Olimpíadas do Exército. Cantou. Cantou o Hino Nacional. Ela foi esconjurada pela esquerda, mas só uma pessoa se manifestou publicamente contra ela: o cartunista Henfil. No *Pasquim*, Henfil enterrou duas vezes Elis no cemitério dos mortos-vivos do Caboco Mamado (ECHEVERRIA, 1985, p. 190).

A autora em pauta afirma que, de acordo com Ronaldo Bôscoli, Elis foi forçada a cantar nas Olimpíadas do Exército sob ameaça de prisão. Essa situação estava relacionada a um comentário feito por Elis na Holanda, em que ela disse que o Brasil era governado por "gorilas", referindo-se à ditadura militar. Isso foi recebido pelo governo como uma crítica política.

Essa situação pode ser vista como um reflexo do clima político tenso no Brasil durante a ditadura militar. A afirmação de Elis de que o Brasil era governado por "gorilas", mostra sua postura crítica em relação ao regime militar. Pode-se destacar ainda as tensões entre a cantora, sua liberdade de expressão e as restrições impostas pelo governo autoritário da época e a relação entre a música popular, a cultura e a política em um momento conturbado da história do Brasil.

As músicas interpretadas por Elis abordavam temas políticos e sociais relevantes do período em questão, como a luta pelos direitos civis e a desigualdade social. Conforme Echeverria (1985), um dos seus maiores sucessos foi a música, “O bêbado e a equilibrista” de Aldir Blanc e João Bosco. Esta música carregava uma importância muito grande para aquela época, diante da censura e no desejo de liberdade.

A cantora explorava sua capacidade de se conectar, emocionalmente, com a música e transmitir a mensagem ao público de uma maneira impactante. A música refletia o desejo da população brasileira por justiça e liberdade e, por isso, contribuiu para a conscientização e mobilização por parte da população.

Conforme relata Echeverria (1985), essa canção logo se tornou o hino da anistia<sup>2</sup>, pois trazia a mensagem que aquele era o seu momento. E em seis meses veio a anistia. Com isso, percebe-se que a arte pode ter um papel fundamental na mobilização social e na luta por mudanças políticas. Neste sentido, a autora relata que: “Um personagem em especial

---

<sup>2</sup> “Ato oficial que liberta alguém considerado culpado por crimes contra o Estado [...]”. Para saber mais, acesse: Dicio - Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/anistia/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

acompanhou de perto o que foi para Elis ter gravado essa música e, mais ainda, o que representou pra ela a vitória política na anistia: Henfil cantado na letra da canção por causa do seu irmão, Betinho, exilado” (ECHEVERRIA, 1985, p. 216).

Em depoimento à jornalista Regina Echeverria, Henfil expressa que

Elis era a voz do estômago do Brasil inteiro. Eu me sinto agora mais tranquilo, porque passo a ser uma espoleta de uma grande explosão, de uma grande artista. E foi aí que aprendi uma coisa: arte e caráter não tem absolutamente uma coisa a ver com a outra, infelizmente. Ou felizmente (ECHEVERRIA, 1985, p. 218).

Ao expor que, “A nova música popular brasileira, nesse sentido, deveria afirmar-se pelo compromisso político e pela defesa dos interesses da nação-povo, transmitindo uma mensagem ‘conscientizante’ ao público” (LUNARDI, 2016, p. 28), a autora fala a respeito da nova MPB que tinha o intuito de defender os interesses do povo brasileiro e também conscientizar as pessoas a respeito das condições políticas do país. Era essa a arte de Elis, estava comprometida com a luta pela justiça social e pela igualdade, pois suas músicas contribuíam para a conscientização e mobilização política do público.

De 1972 a 1975, a MPB passou por novas mudanças redefinindo seu espaço social, cultural e comercial de atuação. A censura, nesse sentido, ajudou a consolidá-la como espaço de resistência cultural e política, passando imagens de liberdade e justiça social, considerados como de ‘bom gosto’ para os universitários e a classe média abastada que, majoritariamente, consumiam tal produto. Um fator a se considerar é que aos artistas que permaneceram no Brasil nos ‘Anos de Chumbo’, não restaram alternativas a não ser definir carreira internacional ou participar do ‘Circuito Universitário’. Esta última opção permitia contato dos jovens do interior do Brasil com a MPB e seus artistas, bem como ampliava a divulgação de discos. Das duas alternativas, Elis, que optou por permanecer no Brasil, escolheu fazer parte do ‘Circuito Universitário’ em 1973, assim como manteve uma agenda de shows, gravações de discos e apresentações em TV, na década de 1970 (LUNARDI, 2016, p. 80).

Lunardi (2016) esclarece como a censura mudou o espaço cultural, social e comercial da MPB, isto é, ao limitar a liberdade de expressão dos artistas, a censura levou a MPB a um espaço de resistência cultural e política de liberdade e justiça social.

Elis participou do “Circuito Universitário” em 1973 e, com isso ela pôde se apresentar para um público mais amplo e assim divulgar seus discos. Mesmo com as dificuldades causadas pela censura e pelo regime militar, a cantora contava com uma agenda de muitos shows, gravações de discos e apresentações em TV durante a década de 1970, e isso mostra como ela era determinada e mostra também, a sua importância como figura central na MPB da época.

O período da redemocratização do Brasil, segundo Cuellar (2019), estava diretamente relacionado com o contexto do espetáculo, “Transversal do Tempo”, pois ele surgiu durante o

contexto do fim da Ditadura Militar de 1964 e acabou mostrando a sensação de insegurança e instabilidade que havia sobre o Brasil naquela época.

Pensar o espetáculo 'Transversal do Tempo' é de certa forma pensar o dia a dia das cidades que viviam a efervescência da Ditadura. As personagens do espetáculo eram pessoas comuns, que viviam uma vida comum. Eram pessoas que se encontravam na correria do cotidiano num 'Sinal Fechado' de trânsito, os trabalhadores de 'Caxangá' e 'Construção', os sem-teto de 'Saudosa Maloca' que viviam desabrigados e em situação de miséria, os romeiros cantados na canção 'Romaria' que viviam no campo e depositavam sua crença em algo transcendente e, mesmo 'sem saber rezar', traziam no olhar de admiração um pedido de socorro celeste e seguiam a jornada da vida (CUELLAR, 2019, p. 93).

O autor ainda descreve como as músicas atacavam a Ditadura Militar: "Pude notar em vários outros shows de Elis a presença de momentos de tensão, geralmente concretizados com canções que atacavam diretamente a Ditadura Militar [...]" (CUELLAR, 2019, p. 93).

O espetáculo representava a diversidade do povo brasileiro e a forma como as pessoas enfrentavam a Ditadura Militar, por meio da luta por direitos e justiça social, ou da busca de conforto espiritual. Por causa da forma de Elis Regina se expressar através de suas músicas contra a Ditadura Militar, acabava criando momentos de tensão entre ela e a audiência.

Mesmo assim, a cantora continuou a usar suas músicas para expressar sua insatisfação com a situação política do país, pois elas serviam como instrumento de crítica social e política, e isso relacionado ao seu estilo único e apaixonado de cantar.

Segundo o autor em questão, "Pensar o espetáculo Transversal do Tempo é pensar a contemporaneidade brasileira. Interessante notar que um show ocorrido nos últimos anos da década de 1970 seja tão atual" (CUELLAR, 2019, p. 140).

Conforme o autor, a atualidade do espetáculo está no fato de que muitos dos problemas sociais e políticos daquela época ainda perduram nos dias atuais, pois ainda existem questões relacionadas à desigualdade social, violência, corrupção e outros problemas que foram denunciados pelo espetáculo.

Dessa forma, Cuellar (2019) dá ênfase à importância do espetáculo "Transversal do Tempo", como um reflexo da realidade brasileira de sua época e fazendo também um paralelo com as questões que ainda precisavam ser enfrentadas e solucionadas no país. Além das letras cheias de significado, Cuellar (2019, p. 15) destaca a forma como Elis Regina se portava politicamente no palco. "A linguagem corporal da cantora marcava bastante o seu temperamento e sua forma de posicionamento no mundo". Elis conseguia tocar o público com suas interpretações pelo jeito que se movimentava; que articulava com as palavras e até mesmo através do seu olhar.

Cuellar (2016) diz que em suas apresentações, a cantora procurava criticar, questionar e indagar o que acontecia no Brasil naquele momento. “As canções apresentadas nos espetáculos temáticos de Elis Regina dialogam entre si, formando um todo – o show. Cada canção ocupa seu lugar no todo e cada uma delas se interliga à canção seguinte montando a narrativa e o discurso do espetáculo” (CUELLAR, 2016, p. 18).

## **2.1 Análise das músicas interpretadas por Elis Regina: A realidade do Brasil em canções**

Os parágrafos a seguir, apresentamos uma análise das músicas, "Como Nossos Pais" e "O Bêbado e a Equilibrista", que refletem a postura crítica e engajada de Elis. Através de sua interpretação e expressividade vocal, além de transmitir as letras das músicas, a cantora transmitia um sentimento de questionamento e reflexão sobre a realidade do Brasil, na época. Nas duas músicas analisadas, ela abordava temas políticos e sociais, buscando despertar a consciência e reflexão em seu público. Essas músicas, assim como todo o repertório dos espetáculos temáticos de Elis, estão conectadas entre si, formando um discurso coerente e incisivo sobre a situação do país naquele momento. Por meio da sua performance e escolha do repertório, Elis Regina deixava clara sua posição crítica e seu compromisso em levantar questões e provocar mudanças na sociedade.

A canção, "Como Nossos Pais", composta por Belchior, foi lançada em 1976, considerada a música da juventude da época, uma vez que trazia questionamentos políticos, sociais e indicava os anseios de uma população que lutava por liberdade de expressão e democracia. Também expressa um sentimento de insatisfação em relação à sociedade e às convenções estabelecidas.

Na primeira estrofe, os versos: "Não quero lhe falar, meu grande amor, das coisas que aprendi nos discos". Podem sugerir uma resistência à imposição de valores conservadores e a busca por uma vivência autêntica. Os versos "Quero lhe contar como eu vivi/ E tudo o que aconteceu comigo" podem ser entendidos como uma vontade de compartilhar experiências e mostrar a importância de viver de forma genuína, em contraposição à ideia de apenas sonhar com uma realidade distante.

Já na segunda, o verso "Viver é melhor que sonhar" revela a importância de enfrentar a realidade, agir e se envolver nas questões sociais e políticas ao invés de se perder em uma visão idealizada do mundo. Esses versos trazem uma mensagem que encoraja a ação e a transformação.

As próximas linhas tratam de questões de perigo, derrota e juventude. "Por isso cuidado, meu bem, há perigo na esquina". Essa frase pode revelar que existiam ameaças e situações perigosas, ela pode ser entendida de forma literal, como um aviso para estar atento aos perigos físicos das ruas devido a ditadura que estava implantada na sociedade e os militares eram violentos, ou de forma simbólica, representando ameaças políticas, sociais ou emocionais.

No verso "Eles venceram e o sinal está fechado pra nós" sugere que uma determinada força, ou grupo, conquistou o poder, enquanto aqueles que são representados como "nós" estão em desvantagem. O "sinal fechado" pode ser entendido como um obstáculo que impede a progressão, ou a conquista de direitos e oportunidades. A expressão, "Que somos jovens", destaca a juventude como uma característica que difere dos indivíduos mencionados. A juventude pode ser interpretada como esperança, energia e a vontade de mudar mundo. Nesse contexto, a juventude pode representar uma força de resistência, apesar das adversidades políticas, que ainda não teve a chance de se manifestar ou de influenciar a realidade.

Os versos da quarta estrofe falam sobre a necessidade de demonstrar afeto e amor, como abraçar um irmão e beijar alguém querido na rua. Eles destacam que é através dos gestos físicos e de comunicação que essas expressões de afeto são feitas. Essa estrofe pode ser interpretada como uma crítica à restrição e censura dessas manifestações de amor devido às condições mencionadas anteriormente. Esses versos mostram um sentimento de alerta, apontando para um ambiente perigoso e repressor.

As estrofes que seguem, podem ser interpretadas como uma reflexão sobre as mudanças e contradições sociais que estavam acontecendo. Os versos descrevem uma paixão e encantamento como uma nova invenção, o que pode ser entendido como um sentimento de esperança em relação às mudanças positivas que poderiam acontecer. O "cheiro de nova estação" no vento pode ser interpretado como um sinal de renovação e progresso.

A lembrança dolorosa ao ver alguém na rua com cabelo ao vento, rodeado por "gente jovem reunida", pode transmitir um sentimento de nostalgia e melancolia e ao mesmo tempo, pode mostrar um sentimento de esperança. Essa lembrança pode ser interpretada como uma crítica social implícita, destacando as desigualdades entre diferentes grupos sociais. A memória dolorosa pode ser o "quadro que dói mais" e pode estar relacionada às pessoas que morreram pelos militares, em especial os jovens.

A sétima e a oitava estrofes podem ser interpretadas como uma crítica à estagnação social e política do país. O verso, "Que apesar de termos feito tudo o que fizemos / Ainda somos os mesmos e vivemos" transmite uma mensagem de frustração e desapontamento. Apesar dos

esforços feitos pela geração mais jovem, as condições e as estruturas de poder ainda eram as mesmas. O termo “apesar” dá a ideia de concessão, ou seja, demarca resistência. A ideia de que "ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais", mostra a estagnação e falta de progresso político.

O verso, "nossos ídolos ainda são os mesmos", fala da falta de renovação no cenário político e cultural, ou seja, mostra que as figuras de destaque e liderança continuavam as mesmas, e não surgiam novos representantes capazes de promover mudanças significativas. Pode-se destacar também o sentimento de impotência diante das estruturas de poder que se mantinham inalteradas.

As últimas estrofes fazem uma crítica àqueles que se apegam ao passado e resistem às mudanças, trazendo referência aos conservadores que apoiavam o regime autoritário. Em, "é você que ama o passado e que não vê, que o novo sempre vem", pode ser entendido como um apelo para que as pessoas percebessem a necessidade de transformação.

A letra também aborda a ideia de uma "nova consciência e juventude" que foi uma ideia sugerida, mas foi deixada de lado, representando uma decepção. Alguém deu a ideia de mudança, mas está agora em casa, "guardado por Deus", enquanto conta seu dinheiro. Esse trecho pode ser interpretado como uma crítica àqueles que defendiam a mudança e a luta por um Brasil melhor, no entanto, acabaram cedendo às pressões financeiras ou acomodação.

Essa música traz uma forte crítica à situação daquela época, à falta de transformação e à conservação de comportamentos e estruturas sociais estagnadas.

A música, “O bêbado e a equilibrista”, composta por João Bosco e Aldir Blanc, se tornou o maior sucesso do disco, “Essa mulher”, lançado em 1979. Foi considerada como um grito de liberdade, por causa do contexto em que foi composta, ou seja, a época da anistia e o final da Ditadura Militar.

Na letra da música pode-se notar o uso da linguagem figurada para descrever a cena da tarde caindo. A comparação da tarde com um viaduto traz uma ideia de melancolia, isso é reforçado pela imagem do “bêbado trajando luto”. No terceiro verso, ao falar de “Carlitos” a letra faz uma referência a Charlie Chaplin, personagem do cinema mudo que foi conhecido por seu estilo cômico e comovente. Essa referência pode estar relacionada ao fato da mudez imposta pela ditadura.

A segunda estrofe dá a ideia de um céu manchado e sombrio, e pode ser interpretada como uma metáfora para a situação política e social do país. A expressão, "Que sufoco! Louco!", reforça essa ideia de desconforto e tensão, mostrando que havia algo errado. A figura

do bêbado com chapéu-coco, “fazendo irreverências mil”, é uma imagem sugestiva, o chapéu-coco é relacionado a personagens engraçados, como Charlie Chaplin, mencionado acima. O bêbado mostra um estado de desordem e descontrole, às "irreverências mil" que ele faz podem ser entendidas como uma forma de protesto. Essa estrofe mostra o afeto e desejo por mudança.

O verso, "Que sonha com a volta do irmão do Henfil", refere-se ao irmão do cartunista Henfil, Betinho, que havia sido exilado. A letra trata de diversas pessoas que foram perseguidas, torturadas e mortas durante o regime militar. A expressão, "com tanta gente que partiu num rabo de foguete", está relacionada ao fato de que muitos opositores do regime foram mortos e seus corpos nunca foram encontrados. "Pátria mãe gentil" é usada como uma ironia, pois o Brasil estava sendo governado por uma ditadura que violava os direitos humanos e reprimia a liberdade de expressão.

A esperança é retratada como um equilibrista que dança na corda bamba de sombrinha, representando a fragilidade e a incerteza se a democracia seria alcançada. “A esperança equilibrista sabe que o show de todo artista tem que continuar”, esse trecho pode ser interpretado como uma mensagem de que, mesmo com as dificuldades, a luta pela democracia deve continuar.

Essa música traz uma forte reflexão sobre a situação do Brasil, na época em que foi escrita e, infelizmente, ainda é bastante atual, a exemplo do que vimos no governo anterior, que durou de 2018 a 2022, como ameaças constantes à democracia. Ela transmite uma mensagem de esperança e resistência que, apesar de tudo, é preciso continuar lutando por um país melhor. A música em pauta representa um instrumento de desabafo da sociedade brasileira e um grito de liberdade frente aos longos anos de ditadura.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme, "Elis" (2016) representou a oportunidade de começar a explorar a vida e as músicas interpretadas por Elis Regina como objeto de estudo e pesquisa. Através do filme, pode-se ter uma perspectiva sobre a vida e a trajetória da cantora, podendo conhecer um pouco mais de seu engajamento político e como suas interpretações se tornaram um instrumento de protesto e oposição ao Regime Militar. Ao analisar e estudar o tema, foi possível enriquecer a compreensão sobre a importância da música como forma de expressão política, cultural e social e como Elis Regina desafiou as restrições da ditadura militar através de suas performances e letras marcantes e também com sua personalidade intensa e irreverente.

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender a importância do engajamento político de Elis Regina por meio de suas interpretações, como forma de expressão política durante a ditadura militar. A cantora deu voz aos desejos e sentimentos de uma geração que buscava por liberdade e justiça. As canções que ela escolheu para embalar com sua voz potente, contagiante e expressiva, acabaram se tornando hinos de resistência, pois transmitem mensagens sutis ou explícitas, levando à reflexão e à conscientização política. A cantora transmitia emoções e despertava a consciência coletiva, destacando a importância da música como forma de expressão artística e política.

Após realizar esta pesquisa, embora ainda restrita conceitualmente, pode-se salientar que ela contribuiu para a compreensão mais abrangente do papel da música como uma arma poderosa para a luta contra a opressão e a busca pela liberdade em momentos difíceis da história.

Considerando o questionamento da pesquisa, especificamente, buscou-se refletir sobre o período do Regime Militar, no Brasil, época em que a música popular passou a ser um meio de expressão e protesto contra o autoritarismo. Elis Regina usou sua voz poderosa e sua interpretação singular para abordar temas políticos e sociais relevantes, como a desigualdade social, a censura, opressão, violência, dentre outros. Sua arte ligada à realidade contribuiu para a conscientização e mobilização da população, fazendo dela uma figura simbólica desse período de resistência cultural, ideológica, social e política.

Realizou-se uma análise das músicas, "Como nossos pais" e "O bêbado e o equilibrista", fazendo uma contextualização em relação à conjuntura do país na época em que foram lançadas. A partir disso, foi possível compreender a força e o impacto dessas músicas que representaram e representam resistência social e contribuíram para entoar a voz do povo brasileiro durante o período de opressão. Por meio deste estudo, pode-se reafirmar a importância de preservar e

valorizar a liberdade de expressão como um pilar que constitui uma sociedade democrática e justa. Elis Regina, ao interpretar essas canções, mesmo décadas após sua criação, elevou-as num nível cultural tão alto que elas continuam inspirando gerações e mostrando o poder transformador da arte e da música como formas de protesto e conscientização social.

Ao estudar a música no contexto da ditadura militar, é possível ter acesso a uma fonte de conhecimento fundamental que permite compreender e refletir a realidade da época. Quando se analisa as músicas com esse teor, se tem acesso a um universo de resistência, protesto e expressão artística. Ao explorar tais músicas no contexto da ditadura, observa-se o poder da arte como forma de dar voz àqueles que foram silenciados e como uma importante ferramenta de denúncia as injustiças e violações dos direitos humanos.

O estudo da música durante a ditadura militar torna-se, dessa forma, imprescindível para uma compreensão abrangente desse período histórico e suas repercussões na sociedade brasileira. Em suma, fica claro que a música desempenha um papel fundamental na sociedade, não se limitando somente ao entretenimento, ou ao prazer estético, já que ela transcende essa função e revela seu poder político e cultural. É por meio dela que expressões de resistência e denúncia encontram voz na sociedade.

Como estudiosos da educação, é imprescindível entender a relação entre música com a sociedade, a política e a cultura. Estudando as mensagens e os significados contidos nas melodias, ritmos e letras, pode-se ter uma maior compreensão dos valores, ideologias e lutas de um povo em determinado contexto histórico.

Nesse sentido, estudar a música possibilita não apenas conhecer e admirar suas formas artísticas, mas também viabiliza analisar e questionar as dinâmicas sociais e políticas que moldam a realidade. Desse modo, a música se mostra como uma forma essencial de intervenção para a compreensão e a transformação da sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Maria Paula; SILVA, Izabel Pimentel da; SANTOS, Desirree dos Reis. *Ditadura militar e democracia no Brasil: história, imagem e testemunho* – Rio de Janeiro: Ponteio, 2013.
- BELCHIOR, Antônio Carlos. *Como nossos pais*. Elis Regina. Compositor: Belchior. Álbum: Elis. Philips, 1979. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/elis-regina/45670/>. Acesso em: 22 maio 2023.
- BOSCO, João; BLANC, Aldir. O Bêbado e a Equilibrista. Interpretação de Elis Regina. PolyGram, 1979. Disponível em: [<https://www.lettras.mus.br/elis-regina/45679/> ]. Acesso em: 22 maio 2023.
- Censura: O regime militar e a liberdade de expressão. <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/censura-o-regime-militar-e-a-liberdade-de-expressao.htm> Acesso em: 27 nov. 2022.
- CUELLAR, Davi Coutinho Evangelista Johns, “*TRANSVERSAL DO TEMPO*”: uma investigação acerca do gesto cênico de Elis Regina no espetáculo apresentado em Lisboa (1978). Goiânia, 2019. CXL, 140 f.: il.
- DICIONÁRIO Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/anistia/>. Acesso em: 30 abr. 2023.
- ECHEVERRIA, Regina. *Furacão Elis*. Rio de Janeiro: Editora Nórdica LTDA, 1985.
- LUNARDI, Rafaela. *Em busca do “Falso Brillhante”* Performance e projeto autoral na trajetória de Elis Regina (Brasil, 1965-1976). São Paulo, 2011.
- LUNARDI, Rafaela. *Preparando a tinta, enfeitando a praça: O papel da MPB na “Abertura política” brasileira*. São Paulo, 2016.
- NOVA BRASIL FM. MPB e Bossa Nova: entenda a relação e porque diferenciá-los. <http://www.uemfm.uem.br/index.php/1359-mpb-e-bossa-nova-entenda-a-relacao-e-porque-diferencia-los>. Acesso em: 16 abr. 2023.
- PACHECO, Mateus de Andrade, *Elis de todos os palcos: embriaguez equilibrista que se fez canção*. Brasília, Setembro de 2009.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 1. ed. -- São Paulo: Cortez, 2013.

## **ANEXO**

ANEXO A – COMO NOSSOS PAIS – BELCHIOR (1976)

ANEXO B - O BÊBADO E A EQUILIBRISTA – JOÃO BOSCO E ALDIR BLANC (1979)

**ANEXO A – COMO NOSSOS PAIS – BELCHIOR (1976)**

Não quero lhe falar, meu grande amor/ Das coisas que aprendi nos discos/ Quero lhe contar como eu vivi/ E tudo o que aconteceu comigo

Viver é melhor que sonhar/ Eu sei que o amor é uma coisa boa/ Mas também/ sei que qualquer canto/ É menor do que a vida de qualquer pessoa

Por isso cuidado, meu bem/ Há perigo na esquina/ Eles venceram e o sinal/ está fechado pra nós/ Que somos jovens.

Para abraçar seu irmão/ E beijar sua menina na rua/ É que se fez o seu braço/ O seu lábio e a sua voz

Você me pergunta pela minha paixão/ Digo que estou encantada como uma nova invenção/ Eu vou ficar nesta cidade, não vou voltar pro sertão/ Pois vejo vir vindo no vento cheiro de nova estação/ Eu sei de tudo na ferida viva do meu coração

Já faz tempo, eu vi você na rua/ Cabelo ao vento, gente jovem reunida/ Na parede da memória/ Essa lembrança é o quadro que dói mais.

Minha dor é perceber/ Que apesar de termos feito tudo o que fizemos/ Ainda somos os mesmos e vivemos/ Ainda somos os mesmos e vivemos/ Como os nossos pais

Nossos ídolos ainda são os mesmos/ E as aparências não enganam, não/ Você diz que depois deles/ Não apareceu mais ninguém.

Você pode até dizer que eu tô por fora/ Ou então que eu tô inventando/ Mas é você que ama o passado e que não vê/ É você que ama o passado e que não vê/ Que o novo sempre vem/

Hoje eu sei que quem me deu a ideia/ De uma nova consciência e juventude/ Tá em casa guardado por Deus/ Contando o vil metal/ Minha dor é perceber/ Que apesar de termos feito tudo, tudo, tudo, tudo o que fizemos/ Nós ainda somos os mesmos e vivemos/ Ainda somos os mesmos e vivemos/ Ainda somos os mesmos e vivemos/ Como os nossos pais (BELCHIOR, 1976).

**ANEXO B - O BÊBADO E A EQUILIBRISTA – JOÃO BOSCO E ALDIR BLANC  
(1979)**

Caía a tarde feito um viaduto/ E um bêbado trajando luto/ Me lembrou Carlitos/ A lua tal qual  
a dona do bordel/ Pedia a cada estrela fria/ Um brilho de aluguel.

E nuvens lá no mata-borrão do céu/ Chupavam manchas torturadas/ Que sufoco!/ Louco!/ O  
bêbado com chapéu-coco/ Fazia irreverências mil/ Pra noite do Brasil/ Meu Brasil! Que sonha  
com a volta do irmão do Henfil/ Com tanta gente que partiu/ Num rabo de foguete/ Chora/ A  
nossa Pátria mãe gentil/ Choram Marias e Clarisses/ No solo do Brasil.

Mas sei que uma dor assim pungente/ Não há de ser inutilmente/ A esperança/ Dança na corda  
bamba de sombrinha/ E em cada passo dessa linha/ Pode se machucar.

Azar!/ À esperança equilibrista/ Sabe que o show de todo artista/ Tem que continuar  
(BOSCO; BLANC, 1979).